

DESAFIOS DE UMA PROFESSORA NA CRIAÇÃO DE CORDÉIS CONFECCIONADOS EXCLUSIVAMENTE POR ALUNOS SURDOS

Agnaldo Gondim de Freitas ¹
Francisco de Acací Viana Neto ²

RESUMO

Popular no Nordeste do Brasil, a literatura de cordel é um gênero literário que já foi adaptado a outras obras artísticas como, música, teatro, cinema e televisão. Trata-se de uma classe literária nascida na França, mas que com o passar do tempo sofreu influência dos trovadores medievais da Península Ibérica, isso por volta dos séculos XII e XIII. Sua característica principal é sua construção em forma de versos. A presente pesquisa de caráter qualitativo e com objetivos exploratórios, buscando apresentar os desafios de uma professora auxiliar de uma sala multisseriada de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na criação de cordéis, que sob sua orientação, foram confeccionados exclusivamente por seus alunos surdos. O principal objetivo foi compreender quais foram esses desafios encontrados pela professora e pelos alunos na confecção desses cordéis em Língua Brasileira de Sinais (Libras), pois observamos o quanto é notória a diferença na estrutura idiomática da Língua Portuguesa em relação a Libras e com isso o quão se difere os elementos básicos na estruturação de um cordel que são: o verso, a estrofe, a rima, o metro e a oração, quando comparamos uma língua à outra e ainda pela escassez de trabalhos desse tipo dentro da Libras. Os sujeitos da nossa pesquisa foram dois alunos surdos e uma professora da Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: literatura de cordel, Libras, professora auxiliar, alunos surdos, desafios.

INTRODUÇÃO

O cordel tem sua origem na França e em Portugal se popularizou com os trovadores medievais os quais espalhavam histórias, lendas e culturas, através dos poemas musicados à população iletrada da época. No período renascentista com o advento da imprensa, o cordel se espalhou e ficou conhecido através de suas impressões em papel que eram penduradas em varais de cordas, daí o nome “cordel”.

Chegando ao Brasil no período da colonização, os cordéis até hoje têm grande influência, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país, auxiliando na preservação dos costumes regionalistas e no incentivo à leitura, ajudando na diminuição do analfabetismo nesses locais.

¹ Graduado do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Seme-Árido – UFERSA – Campus Caraúbas/RN, agnaldogondim@gmail.com;

² Docente pelo Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Seme-Árido – UFERSA – Campus Caraúbas/RN, acaci@ufersa.edu.br.

Assim como as massas iletradas da época dos trovadores medievais, a comunidade surda brasileira, sofre hoje em dia, devido à falta ou diminuição da audição e com isso o aprendizado da língua portuguesa nas suas formas escrita e lida se torna um desafio, a grande maioria dos surdos escrevem e leem muito mal o português. Outra característica marcante nas pessoas surdas é o campo visual ser mais aguçado do que outros para suprir a falta da audição o que corrobora para a investigação desse artigo, pois o cordel também é um instrumento visual de informação com suas xilogravuras.

Este artigo apresenta sua problemática com a intenção de compreender, por meio do trabalho realizado por uma professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA), qual realmente foi a contribuição da criação de cordéis, confeccionados exclusivamente por alunos surdos, em suas aulas com dois alunos surdos; como estes alunos compreenderam a proposta e se de fato ela contribuiu para o aprendizado da Língua portuguesa e ainda como se deu essa experiência, quais os pontos positivos e negativos nessa empreitada.

Abordaremos o tema desta pesquisa com base nos seguintes principais autores: Neves (2018) e Strobel (2009; 2016). A pesquisa em questão é de caráter qualitativo e com objetivos exploratórios; foi realizada com uma professora do EJA e dois alunos surdos da cidade de Caraúbas/RN, os quais foram entrevistados através de entrevistas escritas e sinalizadas. Os resultados que se esperam obter dessa investigação, são os que mostram de fato os desafios encontrados pela referida professora na criação de cordéis confeccionados exclusivamente por alunos surdos e quais resultados no aprendizado da língua portuguesa por parte desses alunos.

Começaremos apresentando um breve histórico do Cordel; falaremos a seguir sobre a Libras e o aprendizado da língua portuguesa por parte dos indivíduos surdos; faremos uma relação do cordel com o aprendizado da língua portuguesa para o surdo e concluiremos a pesquisa trazendo os seus resultados.

O presente artigo especificamente está baseado em uma pesquisa envolvida, que tem como finalidade, entender as dificuldades no processo de criação de cordéis com alunos surdos por parte de uma professora do EJA e conhecer a relação do cordel com o aprendizado da língua portuguesa por parte desses alunos.

Cabe ainda a esta investigação compreender os pontos positivos e negativos na realização do projeto da professora quais ainda foram suas motivações e quais os resultados obtidos depois da conclusão do projeto na escola e curso o qual foi aplicado, se os alunos envolvidos obtiveram resultados e quais estes resultados.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e de caráter exploratório quanto aos seus objetivos. Para coleta de dados, recorreremos a entrevistas feitas a uma professora da cidade de Caraúbas/RN e dois alunos surdos que participaram desse projeto criado pela professora em questão. A pesquisa foi elaborada de forma escrita e também em vídeo e efetuada por meio de WhatsApp e videochamadas. Foram elaborados no word dois questionários diferentes, o primeiro direcionado e entregue a professora, continha 7 perguntas pertinentes ao tema pesquisado e o segundo questionário, direcionado aos surdos, que continha 6 perguntas também pertinentes ao tema da pesquisa, este segundo questionário foi traduzido e interpretado para a língua de sinais (Libras) e gravado em vídeo.

BREVE HISTÓRICO DO CORDEL, SURGIMENTO E ASSIMILAÇÃO PELA CULTURA BRASILEIRA E NORDESTINA

Hoje em dia, desapareceu completamente das feiras e praças europeias a literatura de cordel que, no Brasil ainda resiste até os dias atuais, apesar do avanço avassalador da internet e outros meios tecnológicos de informação e comunicação. As primeiras impressões desses folhetins, que remontavam e vulgarizavam (tornavam popular) os temas emprestados das novelas de cavalaria, das epopeias gregas e das hagiografias medievais, surgiram na Europa a partir de meados do século XV.

Chegados ao Brasil por meio dos colonos portugueses, como atestam Marques e Silva (2020, p. 32):

[...] desembarcavam na costa brasileira portavam consigo não apenas cordéis e caçarolas furadas, conforme alguns relatos estereotipados, mas uma visão particular de mundo, uma visão que vinha sendo plasmada por meio da literatura de folhetos e que costumava desenhar o Novo Mundo como uma terra paradisíaca, como acreditava Pedro Hanequim, plena de criaturas exóticas e de pessoas vivendo ainda à margem do mundo civilizado. (Marques; Silva, 2020, p. 32)

O cordel no Nordeste adquiriu novas configurações, adaptando-se à realidade das comunidades, como relatam Ferreira, Marques e Bulhões (2020, p.15) sobre as características dos cordéis que chegaram ao Brasil: “Até a década de 1950, a maioria das produções cordelistas brasileiras consistia na revitalização de arquétipos oriundos das muitas histórias do romanceiro ibérico enviadas ao Brasil a partir de meados do século XIX”, estes cordéis brasileiros imitavam

as obras europeias dando-lhes uma nova roupagem com o acréscimo de elementos regionais brasileiros.

Ainda sobre as características trovadorescas, emprestadas ou herdadas da cultura do Velho Continente, Marques e Silva (2020, p. 21) fornecem mais detalhes:

Antes de se reinventar no Nordeste brasileiro, no final do século XIX, a literatura de folhetos, dita de cordel, já vinha correndo ‘as setes partidas do mundo’, ou os ‘quatro cantos do mundo’, como preferem os nordestinos. Na Itália, sobretudo nas províncias do Sul, vendedores ambulantes, à maneira de mascates, saíam vendendo folhetos, os chamados ‘libretti muriccioli’, impressos aos milhares nas prensas recém-instaladas em Nápoles, logo após a invenção da imprensa. As narrativas impressas em papel ordinário e a baixo preço, em prosa e em verso, consistiam em vulgarizações de Ariosto, Tasso e até de clássicos da literatura grega e latina. (Marques; Silva, 2020, p. 21)

Vendidos em praças, feiras, vilas e cidades, a literatura de cordel era um conjunto de textos divulgados em folhetos com condição econômica e níveis de “erudição” bastante diversos. Nesse sentido, o que a tornou, de certa forma, popular não foi o texto, nem os autores, a região em que circulava ou o público, e sim sua materialidade, sua aparência e seu preço, e é sobre “materialidade” e “aparência” que esse tipo de arte literária nos chama a atenção para o fim proposto de alfabetização e desenvolvimento da leitura e escrita da língua portuguesa, pois aqui se tratando de pessoas surdas, as quais o campo visual é o mais desenvolvido para naturalmente substituir ou complementar a falta da audição, é que se faz necessário ressaltarmos essas duas características como importantes.

Portanto, neste sentido, entra um elemento específico e único no cordel que é a xilogravura que segundo Costella (2003, p. 28) significa: “[...] é uma gravura feita com uma matriz de madeira [...]”, portanto, a xilografia é uma antiga técnica de origem chinesa, provavelmente remonta ao século II A.D., onde a técnica consiste em gravar na madeira a imagem que se pretende reproduzir e utilizando-a como matriz para ir carimbando o papel com diversas imagens idênticas. Dentro desse contexto, de reprodução de imagens, nos chama atenção a utilização desse signo comunicativo para a comunidade surda, que seria mais um elemento de facilitação que atrai o interesse desses sujeitos, tendo em vista como já foi dito, que o campo visual tem mais ênfase e destaque para eles do que outros sentidos do corpo humano. As xilogravuras são ilustrações que podem ser combinadas na capa, junto com o título, ou em páginas do folheto de cordel, e transmitem as imagens ou fotos coloridas dos seres e das cenas principais do poema, o que agrada a muitos, tornando o texto mais atraente e prazeroso para o público surdo.

Entre versos, estrofes, rimas, ordens e folhetos, pois é assim que se estrutura



basicamente um cordel na Língua Portuguesa, percebemos elementos que se comparados a estrutura idiomática da Língua Brasileira de Sinais (Libras), são elementos, “estranhos” a essa segunda língua, pois eles se configuram de forma diferente tendo em vista a língua portuguesa ser de caráter oralizada e a Libras de caráter sinalizada, pois como afirmam Ribeiro e Sutton-Spence (2023, p. 166): “Os poemas em língua de sinais têm seus próprios padrões e regras. Sendo assim, os tradutores surdos e ouvintes precisam compreender bem esses recursos, a fim de realizar escolhas que sejam aceitáveis aos comportamentos da comunidade surda.”

Para termos uma melhor clareza do que aqui foi dito, é preciso nos remetermos aos seguintes detalhes: a estrutura do cordel para surdos, pode ser traduzida para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) de várias formas, como através da repetição de elementos poéticos; repetição de itens lexicais, tripla repetição de um sinal em pontos de articulação diferentes; uso de parâmetros como configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientações da palma da mão e das expressões não-manuais.

Contextualizando ainda mais as diferenças na estrutura idiomática e poética entre a língua portuguesa e a Libras, precisamos compreender que na Libras, em específico a rima e a poesia, elas se dão de forma visual e gestual, é preciso não apenas o uso de sinais, mas todo um jogo visual de elementos já citados anteriormente que darão sentido ao poético na língua de sinais como afirmam Ribeiro e Sutton-Spence (2023, p. 167):

Para entender as normas que configuram o poético em Libras a fim de auxiliar na tradução da Literatura de Cordel, serão analisados elementos que, quando manipulados, podem causar o efeito poético desejado, tornando o poema aceitável e prazeroso para a comunidade surda. Posto isso, citam-se: a repetição, a simetria, o neologismo, o morfismo, a rima e o ritmo. (Ribeiro; Sutton-Spence, 2023, p. 167)

Contudo, precisamos compreender melhor a Libras e seus principais usuários (as pessoas surdas) e ainda compreendermos os desafios da língua portuguesa para essas pessoas, para termos um melhor desfecho na compreensão de quais desafios afinal a professora de Libras teve na execução do seu projeto de criação de um cordel em Libras com seus alunos surdos.

A LIBRAS, OS SURDOS E SEUS DESAFIOS QUANTO AO APREDNIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A Libras, além de ser a língua oficial da comunidade surda brasileira ela é também uma língua visual-motora, que se expressa através de sinais e expressões faciais e corporais, e tem uma estrutura gramatical própria. Esse rápido conceito já nos diz muito acerca dos desafios de



se ensinar língua portuguesa para alunos surdos, pois dois elementos são completamente desafiadores e divergentes quando comparamos a língua portuguesa com a Libras que são: o campo onde ambas se manifestam, o visual-motor para a Libras e a oralização para a língua portuguesa e a diferença entre a gramática de ambas.

Quanto a pessoa surda, Strobel (2009, p. 5) afirma o seguinte: “O povo surdo é grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão.”, precisamos lembrar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define a surdez como a perda total da audição, enquanto a deficiência auditiva é a perda parcial, portanto, devido a essa definição resumida da OMS, mas importante, que caracteriza uma pessoa surda e a diferença de uma pessoa ouvinte, é que se faz necessário compreendermos no geral como os surdos são tratados e como se dá a compreensão do mundo, predominantemente ouvintista à sua volta.

Os surdos por já nascerem em um mundo predominantemente ouvinte, eles sofrem alguns déficits de aprendizado e cognição, não porque eles não sejam capazes de compreender com clareza o mundo ao seu redor, mas porque como já dissemos, predomina a sua volta uma sociedade ouvintista e preconceituosa, que piora toda situação existencial dessas pessoas, como esclarece Sacks (2005, p. 27) falando acerca das pessoas com surdez na década de 1750:

“A situação da pessoa com surdez pré linguística antes de 1750 era de fato uma calamidade, incapazes de desenvolver a fala, e, portanto “mudos”, incapazes de comunicar-se livremente até mesmo com seus pais e familiares, restritos a alguns sinais e gestos rudimentares, isolados, exceto nas grandes cidades, até mesmo da comunidade de pessoas com o mesmo problema, privados de alfabetização e instrução, de todo conhecimento do mundo, forçados a fazer os trabalhos mais desprezíveis, vivendo sozinhos, muitas vezes à beira da miséria, considerados pela lei e pela sociedade um pouco mais do que imbecis...” (Sacks, 2005, p. 27).

Hoje em dia muita coisa melhorou, inclusive nos lugares mais interioranos do Brasil, mas os desafios ainda são reais, a preocupação agora estar mais relacionada à inserção de fato dos surdos na sociedade e para isso se faz necessário criar mecanismos e estratégias para se corrigir e amenizar um passado tão doloroso e obscuro. Os surdos ainda hoje, enfrentam desafios, seja por causa da aquisição tardia da Libras; por não terem fluência no seu próprio idioma; por causa de preconceitos e discriminações; os familiares que as vezes, ou demoram ou nunca aceitam sua condição de pessoas surdas; a maioria não consegue uma suficiente aquisição da língua portuguesa, pelo fato dessa ser falada e não sinalizada; sofrem por causa dos ouvintes não saberem as línguas de sinais para de fato haver inclusão social, são muitos os desafios das pessoas surdas e são estes desafios os responsáveis pelo déficit de aprendizado e

déficit cognitivo.

Contudo, concluímos até aqui que as pessoas surdas podem ter dificuldades para aprender a língua portuguesa por vários motivos, incluindo: a estrutura gramatical do português que é diferente da Língua Brasileira de Sinais (Libras); a dificuldade de aprender através da fonética e do som, pelo fato de não ouvirem; a aquisição tardia da linguagem, pois a maioria das pessoas surdas aprendem a Libras já na vida adulta, onde seria necessário ter aprendido na primeira infância que é onde está em plena formação os mecanismos biológicos e naturais que formam a cognição do sujeito; a falta de alfabetização em português; a dificuldade de compreender o significado das palavras escritas.

Para ajudar os alunos surdos a aprender a língua portuguesa, é possível utilizando a metodologia do bilinguismo, que usa recursos visuais e uma abordagem sociocultural; promover a leitura compartilhada em pequenos grupos; estimular a produção escrita de notas e textos de opinião; organizar esquemas; promover leituras autônomas; ampliar o tempo de realização das atividades; trabalhar em conjunto com o profissional da sala de recursos, responsável pelo AEE.

Como vimos, a organização de esquemas, que nada mais são do que estratégias criadas para facilitar o acesso dos surdos ao aprendizado da língua portuguesa, são cruciais aqui para discutirmos a importância do cordel para o ensino desta língua, tema da discussão a seguir.

A IMPORTÂNCIA DO CORDEL COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO PARA SURDOS

No Nordeste, durante muitos anos, região menos alfabetizada do país, onde predominou uma cultura agrária, de trabalho braçal, com escassez de recursos hídricos e, como consequência uma população menos letrada, que mais se preocupava com a própria subsistência do que mesmo com a aquisição de conhecimentos, o cordel, cultura trazida da Europa pelos colonizadores, se mostrou como um importantíssimo disseminador de cultura escrita a que o povo tinha acesso, e as vezes a única acessível a população, vindo a se transformar em fundamental instrumento de letramento e alfabetização da população rural e das zonas mais carentes das áreas urbanas, como atesta Neves (2018, p. 93):

O cordel, denominado até finais dos anos 60 do século passado de romance, folheto ou simplesmente verso, era inicialmente produzido em pequenas tipografias e distribuído pelos próprios poetas, geralmente em papel jornal e escrito com linguagem simples e direta, sendo encontrado em quase todas as feiras nordestinas. Essa expressão literária de feição popular foi durante décadas um importantíssimo portador de cultura escrita a que o povo tinha acesso, vindo a se transformar em relevante instrumento de letramento e alfabetização da população rural e das zonas mais



carentes das áreas urbanas. Neves (2018, p. 93)

Nesse contexto de estratégia educacional, podemos afirmar categoricamente que o cordel é um importante e eficaz instrumento alfabetizador, pois segundo Neves (2018, p. 94) para os pesquisadores da área da psicogenética:

[...] o letramento, etapa anterior à alfabetização, dá-se pelo contato da criança com a cultura letrada, pela interação com elementos dessa cultura e que a rima e a aliteração, pela repetição de sons iguais permite adquirir a consciência fonêmica, que possibilita a evolução para a aprendizagem da língua escrita. Neves (2018, p. 94)

A ludicidade e diversidade temática do cordel, além de seu uso indispensável no ambiente de aprendizagem, pode ser usado pedagogicamente, de forma multidisciplinar, em todos os níveis da educação básica, podendo ser exploradas nas mais variadas disciplinas constituintes do currículo escolar, como, Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências da Natureza e outros diversos temas transversais.

Voltando-se à educação de surdos, nosso foco principal aqui neste trabalho, percebemos que a ludicidade e diversidade temática e ainda, a metodologia do bilinguismo, a leitura compartilhada em pequenos grupos, a produção escrita de notas e textos de opinião, a promoção de leituras autônomas, a ampliação do tempo de realização das atividades e o trabalho em conjunto com o professor, juntos, desenvolvem uma estratégia importante na alfabetização dessas pessoas, especialmente no ensino da língua portuguesa na modalidade escrita e ajudam na facilitação da inclusão do surdo na sociedade e na diversificada área do conhecimento humano, condicionando ao surdo não apenas conhecimento bilingue mas melhorando a própria cognição e entendimento amplo do mundo a sua volta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados desta pesquisa, que tem como foco, os desafios de uma professora na criação de cordéis confeccionados exclusivamente por alunos surdos, queremos aqui, a princípio, registrar pela própria fala da professora, quais os motivos provocadores dessa iniciativa por parte dela:

Professora: O projeto sobre o cordel, surgiu por meio da minha paixão pessoal com a literatura de cordel. Na escola a qual eu trabalhava, já havia um projeto de incentivo à leitura e, com esse projeto, me veio o interesse de trabalhar a literatura de cordel com meus alunos surdos, tentando relacionar o dia a dia deles com a escrita e com a aprendizagem do português na modalidade escrita, também repassar para eles os



conhecimentos básicos da estrutura de cordel, como também para eles conhecerem a cultura nordestina a partir desse gênero. E foi daí que me veio a ideia de trabalhar cordel com os alunos surdos na Educação de Jovens e Adultos.

Portanto, levando em consideração o acima exposto, é que analisaremos agora as entrevistas feitas à professora em questão e dois alunos surdos que serão aqui identificados pelos nomes fictícios de João e Manoel, ambos alunos de uma instituição de ensino da cidade de Caraúbas/RN na Educação de Jovens e Adultos.

Foram elaboradas e aplicadas 7 perguntas à professora e 6 perguntas direcionadas aos alunos surdos, que iremos aqui nos debruçar à análise. Quanto a docente, foi lhe perguntado o que motivou a realização do projeto? A qual respondeu reafirmando sua paixão pessoal pela Literatura de Cordel que segundo ela, foi motivada desde a infância pela sua família que tem viés de poetas e escritores, com isso percebemos a importância da influência que o profissional tem e que isso pode vir a ser usado de forma positiva na sua conduta profissional, criando mecanismos que facilitem e ajudem a vida de aprendizado de seus alunos. **Professora:** “Como o cordel é extremamente importante para minha vida, mudou minha mente, minha visão, minha perspectiva, também é uma forma, é um gênero, um recurso que eu uso para me expressar, eu pensei que também fosse possível tudo isso para esses alunos [...]”

A professora no seu relato continuou agora acrescentando os desafios e problemas enfrentados na realização do seu projeto, que segundo ela, a maior dificuldade foram os recursos financeiros e materiais escassos da escola pública e por isso teve que retirar do seu próprio salário para tal. Ela relatou ter recebido ajuda de colaboradores da própria escola, que foram outros professores, que arrecadaram dinheiro para ser trabalhada a decoração para apresentação dos cordéis, também para pagar uma edição de vídeo de um cordel sinalizado, para comprar figurino para os surdos se caracterizarem na apresentação, contou com a ajuda de alguns alunos e por último, ajuda da própria escola.

Como resumo dos resultados alcançados, na fala da própria professora, observamos o seguinte:

Professora: Os resultados obtidos é, que atualmente eu não trabalho mais na escola, mas esse projeto tem oito anos e até os dias atuais o projeto ainda continua ativo na escola, mesmo com a minha saída, outras pessoas assumiram a responsabilidade e continuaram a realizarem esse projeto.

Percebemos através desse relato que apesar das dificuldades, vale a pena investir tempo e dinheiro em propostas transformadoras e inovadoras que dão resultados positivos no



aprendizado e desenvolvimento dos alunos.

Quanto aos alunos entrevistados, ambos, João e Manoel resumiram o trabalho da seguinte forma: os dois já eram adultos, maiores de 40 anos, quando participaram do projeto; ambos aprenderam Libras já na vida adulta, os dois passaram toda infância e adolescência na zona rural, sendo Manoel ainda morador da zona rural na atualidade; eles lembram do serviço braçal e da comunicação feita por gestos entre amigos e familiares; recordam ainda as dificuldades que tiveram na comunicação e na interação social por falta da Libras e também por não compreenderem a língua portuguesa falada e principalmente escrita. João, resumindo a experiência de ter feito um cordel pela primeira vez, sinaliza sobre os pontos positivos e negativos, que segundo ele foi o melhoramento do aprendizado da Libras e a dificuldade que inicialmente tinha com a língua portuguesa, que com o desenvolvimento do projeto, obteve significativa melhora pessoal na leitura e escrita o que foi confirmado por Manoel.

Ainda sobre as dificuldades e pontos negativos que foram superados pela participação na criação do cordel, os alunos surdos em questão, relataram que a princípio tiveram muita dificuldade com a cultura ouvinte presente nos cordéis, ainda com a língua portuguesa que para eles era muito profunda e a estrutura idiomática que se mostrava incomum as suas realidades linguísticas, principalmente fazendo um paralelo entre Libras e Português. João, faz um relato interessante, quando recorda os repentistas, seus vizinhos, que as vezes realizavam cantorias de repentistas em frente à sua casa e este não conseguia compreender o que estava acontecendo devido a falta da audição e por não ter intérprete de Libras para o auxiliar na compreensão dos versos cantados. Outro aspecto impositivo apontado pelos entrevistados, foi o fato de ambos serem originários da zona rural, onde o trabalho braçal forçado desde muito jovem os distanciou da realidade das Letras.

A xilogravura foi citada pelos entrevistados como algo positivo, principalmente na compreensão das estórias contadas dentro dos cordéis estudados como relata João:

João: [...] então, os desenhos eu podia compreender e reconhecer, mas o português eu não entendia as palavras escritas, mas os desenhos carimbados nos cordéis eu identificava o significado e aprendia muito com eles, aprendi também os sinais em Libras através desses desenhos e isso foi muito bom para mim.

Como resultado final do projeto para os alunos envolvidos, ambos concordam que o cordel os ajudou no melhor aprendizado da leitura e escrita da língua portuguesa, além de melhorar a fluência na Libras e o aperfeiçoamento do conhecimento nas disciplinas relacionadas a Artes, História e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dessa pesquisa e com os resultados obtidos, pudemos compreender a importância da criação de estratégias educacionais para o ensino da Libras e da língua portuguesa para pessoas surdas e ainda que existem muitos desafios para serem superados dentro da educação principalmente a educação pública. Observamos também a importância de sempre aprender, que não tem idade para se começar; que a busca do conhecimento deve ser contínua; que quem faz um bom profissional é mais sua disponibilidade em enfrentar os desafios, mais do que a própria estrutura física exigida pela estratégia educacional e que o trabalho em grupo é importante principalmente para superar os desafios financeiros.

Vimos ainda que se tratando da pessoa surda é muito importante o uso de materiais visuais para obtenção de resultados mais positivos, e que a Libras é um instrumento indispensável no ensino da língua portuguesa para surdos, ainda que os desafios do aprendizado dessa língua por parte desse público em específico ainda é muito urgente, necessário e desafiador.

Este artigo contribuiu de forma importante no campo da pesquisa científica pois investigou, além dos desafios de uma profissional dentro do seu campo de atuação, ainda os resultados obtidos pela superação destes desafios.

REFERÊNCIAS

COSTELLA, Antonio F. **Introdução à Gravura e à sua História**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2006.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; MARQUES, Francisco Cláudio Alves; BULHÕES, Ricardo Magalhães (org.). **Literatura de cordel contemporânea**. Campinas: Mercado das Letras, 2020.

RIBEIRO, Arenilson; SUTTON-SPENCE, Rachel. ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO: normas de tradução de literatura de cordel para a libras. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 26, n. 1, p. 161-179, 2023. Quadrimestral. Disponível em: <file:///C:/Users/agnal/Downloads/25734-Texto%20do%20artigo-94957-1-10-20231117.pdf>. Acesso em: 18 out. 2024.

MARQUES, Francisco C. Alves; SILVA, Esequiel Gomes da. **A literatura de cordel Brasileira: Poesia, História e Resistência**. In: *Literatura de cordel contemporânea*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2020. p. 21-48.

NEVES, Francisco Paiva. **Literatura de Cordel: origens e perspectivas educacionais**. 2018.



98 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

PINTO, Maria; ANDRADE, Maura de, **Diálogos: Um Olhar Sobre a Escola de Xilografia do Horto**. Disponível em: <http://dialogos-xilogravuras.blogspot.com/p/historia-e-tecnica.html>

Acesso em: 18 out. 2024

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1988 – tradução Laura Teixeira Motta.